

**O QUERER E O TER: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA DO
COMPORTAMENTO REPRODUTIVO DE CASAIS DE BAIXA ESCOLARIDADE
NUMA ÁREA DE FRONTEIRA AGRÍCOLA (MACHADINHO D’OESTE,
RONDÔNIA, BRASIL)***

Angelita Alves de Carvalho[†]

Laura L. R. Wong[‡]

RESUMO

Sabe-se que a diminuição da fecundidade no Brasil nos últimos anos tem se dado de forma mais intensa nos grupos de mulheres menos escolarizadas e de menor renda, contribuindo de forma significativa para a contínua redução da TFT até atingir níveis abaixo da reposição. Buscando avançar no entendimento deste fenômeno em contextos diferentes do urbano e classe média do Sudeste, este trabalho analisa o processo de formação das intenções e a implementação das preferências reprodutivas entre casais em contextos rurais e com menor nível de escolaridade em áreas de fronteira agrícola, na região Norte do Brasil (município de Machadinho d’Oeste/Rondônia). O estudo utiliza dados qualitativos para entender a formação dos desejos e intenções para ter ou não (mais) filhos, sua discrepância e satisfação com a fecundidade realizada, identificando questões relevantes para este processo. Foi realizada uma pesquisa de campo no período de junho e julho de 2015 com casais, realizando entrevistas em profundidade individuais com cada cônjuge, em que as mulheres possuíam parturição entre zero e três filhos, baixa escolaridade e idade entre 30 e 45 anos. Foi possível verificar a complexidade do processo de tomada de decisão por filhos, seus desejos e intenções por filhos e a discrepância com a fecundidade realizada.

PALAVRAS-CHAVE: comportamento reprodutivo; fecundidade discrepante; análise de casais; área de fronteira agrícola; metodologia qualitativa

* Trabalho apresentado no VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Foz do Iguaçu/PR – Brasil, de 17 a 22 de outubro de 2016

† Pesquisadora em informações geográficas e estatísticas pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE – angelita.carvalho@ibge.gov.br

‡ Professora do Centro de Desenvolvimento e Planejamento da Universidade Federal de Minas Gerais.– lwong@cedeplar.ufmg.br

1 - INTRODUÇÃO

No Brasil, a TFT era 6,3 filhos por mulher em 1960, passando para 4,4 em 1980, 2,4 em 2000, ficando abaixo no nível de reposição em 2004 até alcançar 1,77 filhos por mulher em 2013 (IBGE, 2011, 2013). Contudo a transição da fecundidade no Brasil se deu maneira diferenciada entre as regiões geográficas devido à extrema desigualdade social vigente no País que possui, também, um caráter espacial acentuado, dada a elevada concentração da renda no território, levando assim, a queda da fecundidade ocorrer em diferentes ritmos entre as Unidades da Federação. As Regiões Sul e Sudeste já apresentavam, desde a década de 1940, níveis de fecundidade mais baixos que as Regiões Norte e Nordeste. Contudo, a oportunidade de efetivação do tamanho desejado da família em função da maior disseminação de práticas contraceptivas a partir da década de 1980, em especial a esterilização feminina, possibilitou uma redução da fecundidade mais significativa e acentuada no tempo, nas Regiões Norte e no Nordeste do País (de em média 2,5 e 2,1 filhos por mulher em 2010), contribuindo para a diminuição dos diferenciais regionais da fecundidade (IBGE, 2010).

Quando se analisa a evolução da fecundidade por nível de instrução das mulheres observa-se uma convergência entre as taxas das mulheres menos escolarizadas e mais escolarizadas. Por outro lado, ainda são elevados diferencias quando se analisa a renda, pois entre aquelas com rendimento per capita de até um quarto de salário mínimo a fecundidade era alta (em média 3,9 filhos por mulher) e entre as entre mulheres com rendimento domiciliar per capita acima de um salário mínimo a taxa de fecundidade fica entre 0,93 e 1,3 (Campos e Borges, 2015). Não obstante estes importantes diferencias, nota-se uma tendência de convergência nacional dos padrões de fecundidade, em que todas as mulheres têm diminuído o número de filhos, apesar de ritmos e espaços diferentes.

Apesar da generalizada redução da fecundidade no país, ela não tem acompanhado a redução do número de filhos desejados. O que torna, cada vez mais comum, também no contexto latino-americano, o surgimento de mulheres que desejam ter um número maior de crianças do que efetivamente têm (Wong, 2009). No Brasil, os dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS) de 2006 mostrou que o número médio ideal de filhos declarado para todas as mulheres brasileiras de 15 a 49 anos era de 2,1 filhos e a fecundidade observada era de 1,8 filhos (Berquó & Lima, 2008), especialmente na região

Norte esta média era de 2,2 e 2,3 respectivamente. Aparentemente, estas mulheres estariam muito próximas de realizarem seus desejos reprodutivos, contudo nesta região ainda teriam uma média de filhos mais elevada do que a desejada. E, como apontando no mesmo estudo, as diferenças entre desejo e realidade são mais acentuadas entre as mulheres menos escolarizadas, as negras e as residentes das regiões menos favorecidas (Norte e Nordeste).

Nesse contexto torna-se importante o estudo das preferências reprodutivas, buscando entender os motivos que levam as pessoas a realizar ou não suas intenções de fecundidade (Morgan & Taylor, 2006). Apesar do conhecimento acerca da importância desse tipo de estudo (Ryder, 1973), existem no Brasil poucos estudos que considerem o ponto de vista de ambos os parceiros uma vez que a maioria deles, pela disponibilidade da fonte de dados, baseiam-se, apenas na visão das mulheres sobre as decisões reprodutivas (Beckman et al., 1983; Morgan, 1985; Thomson et al. 1990; Thomson, 1997; Thomson & Hoem, 1998). Logo, faz-se necessário entender como as motivações, de cada um dos parceiros separadamente, sobre fecundidade interagem e se combinam, impulsionando uma ação conjunta, que é (não) ter filhos.

Torna-se, assim, pertinente o conhecimento mais detalhado da influência do parceiro e as tensões geradas no processo de tomada de decisão por filhos na implementação das preferências reprodutivas entre casais de contextos rurais e de baixa escolaridade e, conseqüentemente, condições socioeconômicas menos favorecidas. Isto possibilitará aprofundar na análise da discrepância e satisfação com a fecundidade no Brasil em diferentes grupos socioeconômicos[§]. Além disso, faz-se necessário destacar que, apesar da rápida queda de fecundidade observada na região Norte, vários estudos têm mostrado que regiões de fronteira agrícola –como o município de Machadinho– apresentaram fatores diretamente relacionados à altas taxas de fecundidade (Merrick, 1978; Sydenstricker, 1990; Carr e Pan, 2002; Sutherland et al, 2004; Carr et al., 2006). Assim torna-se importante entender se o processo de ocupação e desenvolvimento desta região e conseqüentemente as “marcas” deixadas pelo seu contexto histórico ainda influenciam as preferências reprodutivas, o planejamento dos filhos e os níveis de fecundidade entre os casais que lá residem.

[§] Entenda-se por fecundidade discrepante o desequilíbrio entre fecundidade desejada e fecundidade efetiva ou realizada, isto é o número de filhos tidos nascidos vivos.

Neste sentido, questiona-se: Como se dá o processo de formação dos desejos e planejamento dos filhos entre estes casais? Há evidências de discrepância entre fecundidade realizada e desejada para casais de baixa escolaridade residentes na região de Machadinho d'Oeste (RO, Brasil)? Esses casais têm mais filhos do que desejam ou tem menos do que gostariam? Investigações que avancem nestas discussões são necessárias.

Este artigo busca entender como se dá o processo de formação dos desejos e intenções por filhos e a presença ou não de fecundidade discrepante entre casais menos escolarizados residentes no município de Machadinho d'Oeste (Rondônia, Brasil). Buscou-se ainda avançar com as discussões realizadas por Carvalho (2014) que fez uma análise qualitativa sobre as preferências reprodutivas e fecundidade discrepante de casais de alta escolaridade num contexto metropolitano.

Tudo isso possibilitará o apontamento de possíveis restrições à implementação das preferências reprodutivas e a satisfação dos casais quanto o seu número de filhos. E com isso discutir estratégias e políticas públicas de planejamento da fecundidade, conciliação de trabalho-família que garantam o acesso e respeito aos direitos reprodutivos pelos casais.

2 - ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 - Local de estudo, população, recrutamento e técnica de pesquisa

O local de pesquisa foi o município de Machadinho d'Oeste, localizado no estado de Rondônia, Brasil. Este local foi escolhido por ser o foco do projeto LUCIA **, ao qual este estudo se integra. O município de Machadinho d'Oeste tem peculiaridades importantes que são rapidamente comentados, uma vez que contextualizam os resultados apresentados mais adiante.

O município surgiu a partir de Projeto de Assentamento do Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil desenvolvido no regime de ditadura militar, ainda na

** LUCIA - Land Use, Climate and Infections in Western Amazonia", coordenado por Alisson Barbieri em parceria com pesquisadores de diversas instituições: Profs. Gilvan Guedes e Laura Wong (CEDEPLAR/UFMG), Ulisses Confalonieri (Fiocruz), William Pan (Duke University, USA), Carlos Mena, (Universidad San Francisco de Quito, Equador); Alejandro Llanos Cuenta e Jaime Miranda (Universidad Peruana Cayetano Heredia, Peru)). Este projeto usa o arcabouço de sistemas ecológicos-social para entender as relações entre população, mudanças climáticas e doenças infecciosas em três regiões da Amazônia (Machadinho, Rondônia (Brasil), Madre de Dios e Loreto (Peru), e o Nordeste da Amazônia Equatoriana.

década de 1980, com o intuito de colonizar a região a partir da concessão de terras a famílias para a prática agrícola (Castro e Singer, 2003). Segundo Sydenstricker (1990), esse projeto de assentamento seduziu um grande número de pessoas, especialmente famílias, fazendo com que a população de Machadinho fosse composta basicamente de migrantes. Estes vinham em grande parte de São Paulo e Paraná, e vislumbravam a possibilidade de receber terras que poderiam, além de garantir o seu sustento, possibilitar uma melhoria da qualidade de vida. Eram famílias compostas por indivíduos de baixa escolaridade, residindo, majoritariamente, em áreas rurais com uma infraestrutura precária de serviços e carência de mão de obra para o trabalho agrário, configurando assim, um cenário bastante favorável para altos níveis de fecundidade (SYDENSTRICKER, 1990). Embora categorizada com área de fronteira, estudos em andamento levantam a possibilidade de ser uma fronteira já “consolidada”, caracterizada por mudanças estruturais no sistema de produção agrícola, acesso a padrões urbanos de consumo e aos meios massivos de comunicação moderna.

A população de estudo foi composta por casais heterossexuais, casados legalmente ou unidos por pelo menos 1 ano. A mulher foi definida como âncora na escolha do casal, a qual deveria estar entre 30 e 49 anos, possuir, de preferência, até o ensino médio e ter até 3 filhos. A técnica de recrutamento foi por conveniência, em que as abordagens foram feitas tanto no comércio local como em domicílios localizados em sítios na região rural. Posteriormente foi aplicada a técnica da bola de neve, em que os próprios participantes indicavam conhecidos que se enquadravam no perfil. Tentou-se manter o máximo de heterogeneidade das redes de convivência e de perfis socioculturais distintos.

Com estes casais foram realizadas entrevistas individuais em profundidade, uma vez que elas fornecem informações ricas das biografias, das experiências de vida, das opiniões, valores, atitudes e sentimentos. Além disso, permitem expressão mais livre do próprio ponto de vista do que quando são entrevistados conjuntamente (May, 2004). Estas entrevistas foram conduzidas pela primeira autora, a partir de roteiros semiestruturados e concebidos de forma a estimular os entrevistados a falar minuciosamente sobre aspectos de suas preferências e comportamento reprodutivo, especialmente sua inter-relação com os papéis de gênero. Estes roteiros, assim como todo o projeto, foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo realizada uma análise de conteúdo para sua interpretação. A fim de garantir a confidencialidade dos participantes, estes foram identificados por meio de nomes fictícios. Nesta técnica adotou-se a análise das redes de temas, assim sugerido por Attride-Stirling e utilizado por Simão (2005) e Carvalho (2014). Esta proposta analítica é uma forma de organizar a análise temática dos dados qualitativos categorizando os temas que surgem nos textos em diferentes níveis.

2.2 - Breve descrição do perfil dos entrevistados

Foram entrevistados 15 casais, com idade média de 38 anos, sendo que os homens tinham em média 42 anos (com as idades máximas e mínimas de 31 e 53 anos) e as mulheres com média de 36 anos (com as idades máximas e mínimas de 30 e 48 anos). A idade média à primeira união foi bastante jovem (20 e 25 anos para mulheres e homens respectivamente); note-se que entre as mulheres, algumas uniram-se antes mesmo de completar 15 anos. Em consequência disso, a idade ao ter o primeiro filho também foi bastante precoce, uma vez que muitas se uniram justamente devido ao fato de estarem grávidas (a média de idade foi 22 anos para as mulheres e 26 anos para os homens), sendo que a idade mais jovem entre elas foi 16 anos e 20 anos entre eles.

Quanto aos aspectos sociodemográficos, todos os entrevistados eram imigrantes do município e vieram principalmente de cidades vizinhas e do estado do Paraná. Quanto à residência 8 casais moravam na zona urbana do município, desempenhando funções, na maioria das vezes ligada ao comércio (vendedor/atendente, donos de mini comércios, etc.) e ou empregados públicos (prefeitura, principalmente) e 7 casais residiam na região rural, contudo bastante próximas e muito integradas com a cidade, ao ponto de que alguns desempenhavam trabalho remunerado nela, tais como motorista de ônibus, professora infantil. Entre as mulheres, apenas 2 delas se declaram donas de casa e afirmaram não possuir renda. As outras, mesmo que residentes na zona rural tinham participação nos lucros da venda de produtos do sítio, ou tinham parceria com o esposo no trabalho. A escolaridade ficou em torno do ensino fundamental para a maioria dos entrevistados, contudo entre as mulheres, a maioria delas já havia concluído (na maioria das vezes fora do tempo) o ensino médio. Foi muito presente a vontade de continuar a estudar entre elas, e algumas revelaram já ter iniciado a faculdade de ensino à distância.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos resultados divide-se em sessões temáticas que seguem a ordem cronológica do processo de satisfação com a fecundidade alcançada e (pa)maternidade.

3.1- Formação dos desejos e intenções de fecundidade

Uma parte dos entrevistados revelou que o desejo por filhos surgira ainda na adolescência, como algo que tardiamente para os homens (Adalto), o projeto de ter filhos existe no horizonte do ciclo de vida. Essas percepções também foram encontradas no estudo de Carvalho (2014).

“Eu pensava em casar, mas quando eu achar a pessoa que achasse que era certa, mas não tinha aquela pressa não, aquela vontade toda.” (Sebastião, 45 anos, 2 filhos)

“Olha, eu sempre tive na minha mente, assim, que eu queria ser mãe, queria ser mãe de dois filhos...”.(Marta, 38 anos, 2 filhos)

“Eu pensava em casar, mas quando eu achar a pessoa que achasse que era certa, mas não tinha aquela pressa não, aquela vontade toda. Até os 27 anos eu só queria curtir a vida, não queria nem saber de filho...” (Adalto, 45 anos, 2 filhos)

“Não tinha vontade de ter filhos... Sabia que um dia ia casar e tal, porque é o trâmite normal da vida, né?” (Mateus, 45 anos, 2 filhos)

Para outros, exemplificado na fala da Raquel e Bárbara, nas linhas abaixo, ambas ainda sem filhos, foi perceptível a consciência de que esse desejo “natural” por filhos, pode ter vindo, por influência do meio em que foi criada, o qual embutiu a ideia de que ter filhos era algo esperado das pessoas e devia integrar seus planos futuros. Esse apontamento revela uma tomada de consciência da influência das normas e valores vivenciado no processo de formação dos desejos e intenções por filhos por parte dos entrevistados. Apesar do contexto ser bastante diferenciado, esta discussão se relaciona com a Teoria do Comportamento Planejado, qual destaca o papel da percepção pelos indivíduos das normas, valores e pressões sociais sobre ter ou não filhos sobre os seus desejos e decisões reprodutivas (KUHNT e TRAPPE, 2013).

“Eu tinha um sonho, mas eu também acho que esse sonho já é do meio em que eu vivi, então eu não tinha essa... Eu não fui preparada para falar: ‘- Você pode escolher, você pode não casar, você pode não ter filhos’. É desde pequena. Eu acho que já é algo que é colocado, porque eu acho que hoje é mais aberto. Mas eu acho que antes era mais colocado, não tinha opção, não se cogitava, falar: ‘- Eu não vou casar. Eu vou só construir a minha carreira’”(Raquel, 31 anos, sem filhos).

“Vem desde criança. Eu acho que assim, é uma coisa mais imposta socialmente. Nunca teve esse: “- Eu quero”. Parece que é uma coisa que já vem com a gente, parece que faz parte, é natural, parece que é quase uma coisa obrigatória, você vai casar, vai construir família e vai ter filhos, como se não fosse uma opção, como se fosse aquilo, como se você tivesse que viver aquilo, e não escolha” (Barbara, 32 anos, sem filho).

Para um outro grupo de entrevistados o desejo por filhos se formou mais tardiamente, seja devido à busca de auto realização pessoal em um primeiro momento, como o caso de Samantha. Ou, como apontado por Camila, suas experiências familiares as levaram a desejar se estabelecer profissionalmente primeiro. Nesses casos, o tamanho de família vivenciado (famílias grande e com dificultadas financeiras) os motivou a desejar menos e/ou de tê-los mais tardiamente, a fim de adquirirem melhores condições de vida. E muitas vezes isso estava atrelado ao casamento. Achados similares foram encontrados no estudo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), em que a busca por estabilidade profissional e financeira apresentavam como um determinante importante no momento da decisão e planejamento por filhos.

“Não [queria ter filhos]. Nem casar, esse negócio de namorar, eu não tinha essas coisas, não. O meu negócio era trabalhar, ter o meu dinheiro, comprar a minha roupa, o meu sapato novo...” (Samantha, 48 anos, 2 filhos)

“Tipo assim, vendo a minha mãe, a minha família tendo bastante filho, a minha mãe é mãe de sete filhos, então eu nunca quis isso para mim. Eu sempre falei: “- Quando eu casar, eu quero ter no máximo um casal. Mas se caso acontecer de eu ter mais um, só, no máximo estourando três filhos” (Camila, 30 anos, 2 filhos)

“Eu pensava em casar... Em ter filho até que eu não pensava, não. Depois que eu casei é que eu queria ter filho, né?” (Anair, 34 anos, 1 filho)

3.2 - Medos e (in)segurança quanto à (pa)maternidade

A maioria dos entrevistados foi pai/mãe muito jovem e de alguma forma isso teria gerado certa insegurança quanto à pa/maternidade. Uma parte dos entrevistados revelou que não tiveram muito tempo para se preparar para o nascimento dos filhos uma vez que a gravidez não foi planejada para aquele momento. Isto de alguma forma envolve a percepção da capacidade de se tornar ou não mães/pais, o que para a Teoria do Comportamento Planejado seria um dos determinantes do processo de formação e intenções por filhos (Ajzen, 1991). E apontam para as consequências que essa gravidez não planejada em idade jovem teve em suas vidas, pois como referido por Arilha (1998), ter filhos é algo que os homens vinculam com o início de uma nova etapa na vida, em que se encerra a curtição e começa a vida familiar e a responsabilidade. Contudo quando estas etapas não são bem planejadas acontece o que relata o Marcelo.

“Medo de não dar conta, de deixar passar dificuldade, essas coisas. A gente via tanto pai com o menino sofrendo, né?” (Fernando, 46 anos 2 filhos)

“Mas eu sou tão novo, sou tão jovem para ser pai já’, e ficava com isso na cabeça” (Juscelino, 42 anos, 2 filhos)

“Ah, filho é bom, mas dá muito problema, né? É difícil para mexer. Criança é muito bom, mas chega numa certa idade, começa a dar muito trabalho. E a gente novo também, né? Quando você tem uma certa idade para ter filho, você tem mais paciência, quando você é novo, você não tem tempo para filho. Você quer curtir a vida, você quer trabalhar e ganhar dinheiro, aí você não quer viver para o filho, você quer viver para você.” (Marcelo, 53 anos, 2 filhos)

Especialmente entre as mulheres a insegurança parece que estava mais relacionada à questões práticas, como o decorrer da gravidez e o momento do parto. Essa ansiedade e medos parece ser uma preocupação bastante comum, como apontado por Merighi et al. (2007), com destaque para mulheres que jovens que desconhecem as informações sobre o processo de parturição, as condutas de rotina da maternidade, etc. Contudo Bárbara, uma das entrevistadas que ainda não tinha filhos, apesar de estar planejando engravidar, demonstrou também uma insegurança mais emocional com relação a grande responsabilidade que é ter filhos.

“Eu tinha medo de ter filhos (...). Então eu tinha medo da gravidez, eu tinha medo de passar por tudo isso, então eu não queria. E tinha medo também de ser mãe. Então eu não queria ser mãe. Inclusive, eu casei com ele até com essa condição” (Flávia, 35 anos, 2 filhos).

“Não. Eu nunca quis ser mãe. Achava que era difícil, tinha medo de ter filho na hora de nascer...Tinha medo de morrer no parto...” (Rosária, 36 anos, 2 filhos)

“Medo da responsabilidade, porque uma criança... Não é só comida que uma criança precisa.” (Bárbara, 32 anos, sem filhos)

Uma outra parte dos casais, afirmou que tentaram se planejar para ter os filhos, tendo uma estabilidade financeiramente primeiro para pensar, depois, em ter filhos. A maioria buscou atingir um nível de segurança, especialmente quanto à terem uma casa própria, para então decidir se tornar pais/mães. Esses achados corroboram outros estudos que também apontam para a importância da estabilidade tanto econômica quanto emocional para a decisão de se ter filhos (DE LIMA PARADA e TONETE, 2009).

“Evitamos sim, porque a gente estava desestabilizado, né? Então estava pagando terreno, construindo, não dava para pensar em ter filho, ia atrapalhar muito. “- Vamos segurar”. Quando eu estava com trinta, agora vamos.” (Pedro, 49 anos, 3 filhos)

“Porque quando nós casamos não tínhamos nada, nem casa para morar, então eu pensava que tinha que ter alguma coisa para dar um conforto, pelo menos um lugar para morar.” (Selma, 49 anos, 2 filhos)

3.3 – Realização dos desejo/intenções por filhos e satisfação com a fecundidade alcançada

No que diz respeito à fecundidade desejada e realizada, observou-se que o número ideal de filhos permaneceu bem próximo da média nacional, sendo, neste universo de entrevistados, em torno de 2,3 filhos e ligeiramente superior entre os homens (2,5). Por outro lado, o número de filhos nascidos vivos foi de 1,9, ou seja, há uma discrepância negativa de fecundidade. Entre os homens a média de filhos nascidos vivos foi um pouco elevada (2,2 filhos), devido a maior frequência de filhos de relacionamentos anteriores, sendo que o caso mais extremo um entrevistado que tinha 4 filhos em um relacionamento anterior e dois no atual. Entre as mulheres isso foi menos frequente, uma vez que a maioria delas se encontra no

seu primeiro casamento/união. A preferência pelo sexo dos filhos verifica-se na fala de Maria Teresa que preferia ter um casal. Para a maioria dos homens foi clara a importância do filho homem, como pode ser percebido na fala do Marcos. Muitos estudos documentam a crença dos homens de ter uma proximidade maior com o filho homem, especialmente quando este estiver adulto (Bustamante, 2005). Alguns entrevistados ainda indicaram a possibilidade de terem três filhos, mas como limite a fim de realizar o desejo de terem menino e menina, especialmente entre casais residentes na área rural.

“Eu queria um casal, né? Eu falava: ‘Meu Deus, se vir um menino, eu vou ter que ter outro’. [E você teria outro?] *“Eu não queria outro, eu queria só dois. Aí eu pedia muito a Deus, que eu queria um casal. Aí graças à Deus veio o meu casalzinho.”* (Maria Teresa, 35 anos, 2 filhos)

“Acho que todo homem tem vontade de ter um filho. Menina é muito bom, maravilhoso, mas todo homem tem vontade de ter um filho, acho que é aquela coisa de levar o nome, o legado, então eu tinha vontade de ter um menino. E graças à Deus eu fui contemplado com um casal” (Marcos, 41 anos, 2 filhos)

Interessante observar que o desejo por três ou mais filhos (somente 5 casos) foi presente também entre casais mais velhos que já tinham filhos independentes e por isso sentiam falta da presença de crianças em casa e do afeto das mesmas, como revelou Juscelino. Já na fala da Rosa o desejo por mais um filho veio em decorrência do recasamento. Em ambos os casos parece que houve arrependimento do fato das mulheres terem realizado esterilização precocemente (antes dos 30 anos).

“Se hoje eu não fosse laqueada, eu tentaria, né?[ter o quarto filho] Porque hoje eu casei de novo.” (Rosa, 35 anos, 3 filhos)

“Como hoje eu me arrependo [de não ter mais filhos], assim, se ela não tivesse operado, se a gente pudesse ter mais um filho, eu queria (...) Porque é o seguinte, os bichinhos quando estão pequeninhos, uma certa idade, eles são tão amorosos, são tão cuidados, tem a gente como... A gente é tudo. Então, no fundo, no fundo, hoje a gente sente falta disso”. (Juscelino, 42 anos, 2 filhos)

As duas fala acima indicam alguns dos motivos desejar mais de dois filhos, mas a maioria dos entrevistados alegou o alto gasto financeiro de criação dos filhos atualmente, pois

todos eles se mostraram bastante preocupados em investir na educação dos filhos. Esses achados corroboram os estudo de Braz et al. (2005) que mostram que famílias de classes menos favorecidas enfatizam a transmissão de valores relacionados à educação formal, o respeito e normas morais.

“Porque é o seguinte, o custo de vida é alto, o custo de vida para a gente é alto. Então você ter mais filho e deixar de qualquer jeito, fica ruim, então dois, para conseguir manter uma faculdade, um estudo, né?” (Sérgio, 43 anos, 2 filhos)

“Depois que eu tive a primeira, que é a Laís, aí eu mudei o meu pensamento, queria ter mais. Mas assim, depois vai vindo financeiramente, tem custo, é que nem eu falei para você, eu penso muito na escola dos meus meninos, eu quero o melhor para eles, entendeu?” (Paula, 32 anos, 2 filhos)

“Eu acho que a dificuldade hoje está mais pesada. Hoje para você criar e educar um filho está difícil, então nós resolvemos parar em dois só, para poder dar uma assistência boa para eles, né?” (Vicente, 50 anos, 4 filhos)

Apesar da questão financeira ser um forte determinante para idealizar o número de filhos, foi bastante claro entre estes entrevistados a rejeição à ideia de ter filho único. Contrariamente ao estudo de Carvalho (2014), essa opção não foi apontada como algo bom por nenhum entrevistado, dada a importância que consideram ter os irmãos para a convivência e felicidade dos filhos, como demonstrando pela Amanda.

“Eu acredito que quando é um filho único, se sente muito só. Então dois é um número razoável, que você dá educação, qualidade.” (Sandro, 32, sem filhos)

“Porque uma serve de companhia para outra.” (Selma, 46 anos, 2 filhos)

“Não...nunca quis ter um só...Porque um eu acho que é muito triste, você não ter um irmão, não ter sobrinhos.” (Amanda, 42 anos, 2 filhos)

Com relação à satisfação com a (pa)maternidade, muitos participantes demonstraram que ter filhos contribuiu para a sua realização pessoal, trazendo um amadurecimento muito grande como pessoa.

“Então, eu amadureci muito sendo pai, então eu vejo que se não fosse pai estaria perdendo um bocado de aprendizado. Eu vejo pessoas que não têm filhos falando a respeito de filhos, com ideias a respeito de filhos que eu tinha, e que eu vejo que são absolutamente incompatíveis com a realidade” (Júlio, 31 anos, 2 filhos).

“Sei lá. Quando você se torna mãe, você muda, você muda o jeito de pensar ou muda o jeito de ser, você esquece de você e lembra mais dele. (...)Então hoje eu acredito que uma família com base é você ver seu filho estudando, se formando, tendo um bom emprego, você tendo um bom marido, um companheiro, a sua casa... Para mim isso é a felicidade” (Francisca, 37 anos, 2 filhos)

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou qualitativamente o processo de formação e realização das preferências reprodutivas numa região de fronteira no Norte do Brasil entre casais de baixa escolaridade, a fim de se avançar no entendimento do processo de contínua queda da fecundidade nessa região.

Observou-se que o processo de formação do desejo por filhos surge na adolescência, em especial entre as mulheres e tem uma forte relação com a experiência familiar vivenciada pelos indivíduos. O grupo entrevistado, mostrou duas tendências diferentes nesse processo: alguns buscaram primeiramente a estabilidade financeira e o planejamento para se ter filhos mais tardiamente, principalmente por que desejavam dar uma vida diferente para seus filhos da que tiveram. O outro grupo, mais representativo, teve filhos mais jovem e sem planejamento. Na maioria das vezes, isso ocorreu por falta de conhecimento sobre formas de prevenção e por falha nos métodos contraceptivos. As consequências desse não planejamento no primeiro filho foram as maiores dificuldades financeiras e com isso, o casal buscou orientação para adiar e planejar melhor os demais nascimentos.

De modo geral, a discrepância de fecundidade encontrada foi negativa, pois em média os casais entrevistados tinham menos filhos do que declaram desejar. Apesar disso, é importante destacar que, exceto nos casos que existia um arrependimento do uso da esterilização, não foi perceptível que essa discrepância interferisse na satisfação com fecundidade alcançada pelos casais. Aparentemente, os entrevistados não pareciam dispostos a, de fato, implementar aquele número de filhos idealizado; a busca para oferecer uma melhor

qualidade de vida para estes foi muito forte o que estava diretamente relacionado ao fato de terem um número menor de filhos.

A oportunidade de cursar uma faculdade (não acessível para os entrevistados), foi apontando pela maioria como sendo um objetivo para seus filhos. Assim, destacaram a importância do controle do número de filhos e do planejamento entre um nascimento e outro, o que também contribuía para se ter melhores condições de cuidado e financeiras para receber o novo membro familiar.

Apesar da intenção baixa por ter filhos, neste grupo foi bastante forte a negação ao filho único; contudo, existia, mais nos homens, a preferência por filhos homens, e a figura do casal (dois filhos de sexo diferente). Mostrando que, apesar da região apresentar uma taxa de fecundidade ainda acima do nível de reposição e ainda uma preferência por filhos mais elevada em comparação com outras regiões do país, o comportamento dos casais entrevistados se mostra bastante parecido com aqueles mais escolarizados e que residem nas regiões mais desenvolvidas do país.

Estes achados reforçam a tese de uma convergência do comportamento reprodutivo dos casais brasileiros, com redução tanto do número de filhos desejados e tidos nas diversas camadas sociais. Isso não significa diminuição do valor e importância da criança na família, pois os entrevistados ainda parecem ter uma visão bastante tradicional e familista, devido talvez, ao fato de muitos vir de famílias grandes. Assim, gostariam de reaplicar este modelo às suas famílias –com a adaptação possível ao meio ambiente atual.

Fazendo uma relação com o trabalho de Carvalho (2014) e utilizando-se das ideias desenvolvidas por Áries (1980) sobre as diferentes motivações para redução da fecundidade, acredita-se que a queda da fecundidade no grupo entrevistado aqui parece seguir motivos ainda de uma cultura "orientada para a criança" o que leva a um enorme investimento sentimental e financeiro em prol dos filhos. Foi perceptível que os pais desejavam dar aos seus filhos as oportunidades que eles não tiveram. Há uma diferença se comparados com casais de contextos metropolitanos, cuja baixa fecundidade parece dever-se a motivações ligadas à busca da realização pessoal onde a vida para eles não é mais planejada em termos das crianças e seu futuro, de onde depreende-se que ter filhos não é mais uma necessidade (Carvalho, 2014).

Particularmente na área de fronteira –talvez, já consolidada neste caso– vislumbra-se um cenário de quedas ainda possíveis da fecundidade: num nível macro é possível que aspectos como a mudança na estrutura agrária e a influência de padrões de comportamento mais urbanos (consumo, informação, tecnologia) desempenhem importante papel. Na esfera mais próxima aos casais, a redução de falhas de uso dos métodos (fator ainda presente na região analisada) bem como melhor planejamento do tempo dos nascimentos, poderá, também, contribuir para reduções ainda maiores da fecundidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJZEN, I. The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, v.50, p.179–211, 1991.

ARIÈS, P. Two successive motivations for the declining birth rate in the West. **Population and Development Review**, 6(4), 645–650, 1980

ARILHA, M. Homens: entre a "zoeira" e a "responsabilidade". Em M. Arilha, S. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), *Homens e Masculinidades: outras palavras* (pp. 51- 77). São Paulo: ECOS/Ed 34, 1998.

BARBOSA, P. Z. ; ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicol. clin.** [online]. 2007, vol.19, n.1, pp. 163-185.

BECKMAN, L. J. et al. A Theoretical Analysis of Antecedents of Young Couples Fertility Decision and Outcomes. **Demography**, v.20, p.519-533, 1983.

BERQUÓ, E.; LIMA, L.P. de. Intenções Reprodutivas e Planejamento da fecundidade. In: **Relatório Final da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher 2006**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRAZ, M. P.; DESSEN; M. A.; SILVA. N. L. P. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 18, n.2, p. 151-161, 2005.

BUSTAMANTE, V. Ser pai no subúrbio ferroviário de salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 393-402, set./dez. 2005

CAMPOS, M. B.; BORGES, G.M. Projeção de níveis e padrões de fecundidade no Brasil. In: ERVATI, L. R; BORGES, G. M.; JARDIN, A. de P. *Mudança Demográfica no Brasil no Início do Século XXI. Estudos e Análises Informação Demográfica e Socioeconômica*, IBGE, número 3, 2015.

CARR, D.; PAN, W. Fertility determinants on the frontier: longitudinal evidence from the Ecuadorian Amazon. In: **Anais...** Association of American Geographers Annual Meeting. Los Angeles, March, 2002.

_____.; PAN, W.; BILSBORROW, R. E. Declining fertility on the frontier: the Ecuadorian Amazon. **Population and Environment**, Vol. 1, No. 28(1), pp. 17–39, 2006.

CARVALHO, A. A. de. **Insatisfação ou discrepância? Uma análise das preferências de fecundidade e do comportamento reprodutivo de casais de alta escolaridade em Belo Horizonte/MG**. 2014. 315 f. Tese (Doutorado em Demografia)– Departamento de Demografia do Centro de Planejamento e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CASTRO, M. C.; SINGER, B. Migration, urbanization and malaria: a comparative analysis of Dar es Salaam, Tanzania and Machadinho, Rondônia, Brazil. Paper prepared for Conference on African Migration in Comparative Perspective, Johannesburg, South Africa, June, 2003.

DE LIMA PARADA, C. M. G.; TONETE, V. L. P. Experiência da gravidez após os 35 anos de mulheres com baixa renda. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem** 13.2 (2009): 385-392.

IBGE, 2010. Censo Demográfico 2010, Resultados da Amostra: Nupcialidade e fecundidade.

KUHNT, A. K.; TRAPPE, H. Easier said than done: Childbearing intentions and their realization in a short-term perspective). **Max Planck Institute for Demographic Research**, Working Paper, nº2013-018, Rostock, Germany, 2013

MARCONDES, G. dos S. **Refazendo famílias: as trajetórias familiares dos homens recasados**. Campinas, SP. 2008. 285 f. Tese (Doutorado em Demografia)– Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288 p..

MERIGHI, M. A. B., CARVALHO, G. M., SULETRONI, V.P. O processo de parto e nascimento: visão das mulheres que possuem convênio saúde na perspectiva da fenomenologia social. *Acta Paul Enferm* 2007;20(4):434-40.

MILLER, W.B.; SEVERY, A.; PASTA; D.J. A framework for modeling fertility motivation in the dyad. **Population Studies**, v.58, n. 2, p. 193-205, 2004.

MORGAN, S.P. Individual and couple intentions for more children. **Demography**, v. 22, p. 125–132, 1985.

_____. TAYLOR, M.G. Low fertility at the turn of the Twenty-First Century. *Annual Review of Sociology*, v. 32, p. 375-99, 2006.

RYDER, N. B. The process of demographic translation. **Demography**, v. 1, n. 1, p. 74- 82, 1964.

SEALE, C.; CHARTERIS-BLACK, J.; DUMELOW, C.; LOCOCK, L.; ZIEBLAND, S. The **Effect of Joint Interviewing on the Performance of Gender**. *Field Methods*, v. 20, n. 2, p. 107–128, May. 2008.

SIMAO, A. B. **A Primeira Relação Sexual, o Primeiro Casamento e o Nascimento do Primeiro Filho: Um Estudo Quantitativo e Qualitativo de Duas Coortes de Mulheres em Belo**. (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SYDENSTRICKER, J. M. Família, fecundidade e as estratégias de assentamento em Rondônia: um estudo de caso. **Textos NEPO**, No. 18, 1990.

SUTHERLAND, E. G.; CARR, D.; CURTIS, S. L. Fertility and the environment in a natural resource dependent economy: evidence from Petén, Guatemala. *Población y Salud en Mesoamérica - Revista electrónica*, Vol. 2, No. 1, Art. 2. Jul. – Dic., 2004.

TAYLOR, B.; VOCHT, H de. Interviewing Separately or as Couples? Considerations of Authenticity of Method. **Qualitative Health Research**, v. 21, n. 11, p. 1576-1587, Nov. 2011.

THOMSON, E. Couple childbearing desires, intentions, and births, **Demography** v. 34, p. 343-354, 1997.

_____; HOEM, J. Couple childbearing plans and births in Sweden. **Demography**, v. 35, p. 315-322, 1998.

_____; MCDONALD, E; BUMPASS, L. L. Fertility desires and fertility: Hers, his, and theirs. **Demography** 1990;27:579–588.

WONG, L. R. Evidences of further decline of fertility in Latina America: Reproductive behavior and some thoughts on the consequences on the age structure. In: CAVENAGH, Z. M. (Org.) **Demographic transformations and inequalities in Latin America: Historical trends and recent patterns** – Serie Investigaciones 8, 2009. 368 p.